



Hoje foi um dia de estágio muito difícil para mim, pois devido a problemas do foro familiar, o meu estado de espírito no início da manhã estava mais em baixo. No entanto, embora seja de todo impossível esquecermo-nos dos momentos difíceis da vida pessoal, a minha manhã correu naturalmente com as crianças, participando ativamente nas atividades, não prejudicando a vida profissional. O facto é que as crianças têm uma grande capacidade de nos animar, mesmo não sabendo o que se passa, sentem muitas vezes que não estamos bem e dão-nos afeto, puxam muito por nós, no sentido de nos manter sempre ativos nas atividades que estão a ser desenvolvidas.

Na manhã de hoje, decorreram dois momentos que se destacaram mais. A primeira foi a atividade das novidades e a outra foi a aula de expressão físico-motora, lecionada pela Educadora Anabela. Depois da marcação das presenças, os meninos foram divididos em três grupos, ficando eu a Educadora Anabela e a Auxiliar Céu cada uma com um grupo.

Perguntei a cada menino a sua novidade, procurando ter sempre o cuidado de dar o tempo que a criança necessitasse para pensar e responder com calma. “As crianças precisam de oportunidades para conversar, o que requer tempo e espaço por parte do adulto para ouvir e para falar com ela.” (Inês Sim-Sim, 2008, pág. 27). Ou seja, sendo o adulto um modelo importante para o desenvolvimento da linguagem da criança, é fundamental que exista interação comunicativa entre o adulto e as crianças, seja em individual como em grupo. A criança, através do diálogo, vai-se apropriando de novo léxico e das regras de estrutura e uso da língua. “É importante que o educador tenha consciência de que é um modelo, de que há muitas palavras que são ouvidas pela primeira vez ditas pelo educador, que há regras de estrutura e uso da língua que são sedimentadas na sala de jardim-de-infância.” (Inês Sim-Sim, 2008, pág. 27).

Outro aspeto fundamental das novidades não é apenas o desenvolvimento da linguagem oral, mas também a apropriação da linguagem escrita. O educador ao escrever a frase que a criança diz, vai-se adaptando ao código escrito e percebendo para que é que este serve. Após a escrita da novidade, a criança escreve o seu nome com o auxílio de um cartão que tem com o seu nome e escreve também a data. Depois faz um desenho relacionado com a novidade, que é outra forma de escrita muito importante nesta fase da infância. "...o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, completando-se mutuamente. O desenho de um objecto pode substituir uma palavra, uma série de desenhos permite "narrar" uma história ou representar os momentos de um acontecimento..." (Ministério da Educação, 1997, pág. 69).

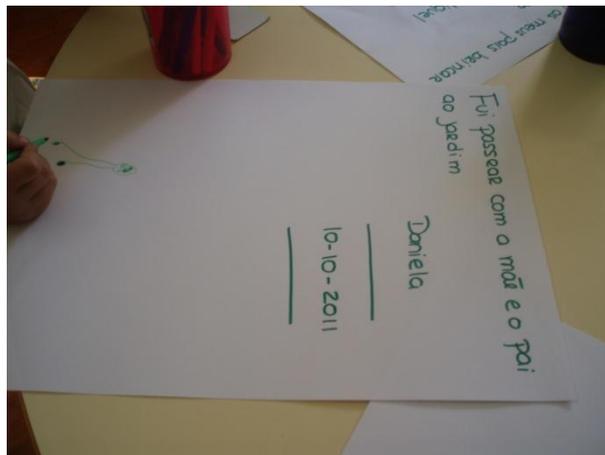


Fig.1 – Em todas as novidades é escrita uma frase ou mais que uma e por baixo o nome e a data com um traço por baixo, como apoio à criança na orientação da escrita.

No entanto há muitos meninos que não querem escrever o nome, sendo importante a sua estimulação. Foi o caso da Daniela, que quando acabou o desenho entregou sem escrever o nome. Perguntei-lhe "E se fizermos as duas juntas o teu nome?", ela aceitou. Comecei por ajudá-la segurando-lhe a mão com o lápis, passávamos juntas letra a letra o nome dela escrito no cartão e depois escrevíamos na folha da novidade. A letra "i" e "l" incentivei-a a escrever sozinha, mas as restantes, mesmo que tentasse não ajudá-la, pegava na minha mão e metia em cima da mão dela, como se me estivesse a pedir, de uma forma indireta, ajuda.

Para mim, sabendo que ela se recusa sempre a não o fazer, considero que já foi muito bom o facto de ela ter feito com a minha ajuda e acredito que progressivamente conseguirei que ela vá escrevendo sozinha, até porque, pelo que a Educadora Anabela me disse, reconhecesse o seu nome desde os dois anos de idade, o que é muito interessante. “A atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas.” (Ministério da Educação, 1997, pág. 69). Isto poderá dever-se ao facto de ter uma irmã um pouco mais velha e que ao vê-la escrever o seu nome, também começou a ganhar interesse mais cedo pelo seu nome também. Também poderá estar inserida num ambiente familiar e educativo em que o código escrito está muito presente. No entanto, porque será que, mesmo reconhecendo o seu nome desde os 2 anos, não tenha muito interesse em escrevê-lo? Poderá ser por não estar a conseguir escrever e por isso, como sente dificuldade, desiste?

Depois das novidades foram para a sala multiusos ter a aula de expressão físico-motora, lecionada pela Educadora Anabela. Fizeram aquecimento, depois percorreram um circuito, em seguida fizeram um jogo e por fim alongamentos. Tanto o circuito como o jogo estavam relacionados com coelhos, o circuito era composto por 4 partes: arcos, um túnel, um colchão e por fim outro colchão (semicírculo). Quando a educadora explicou o circuito foi contando uma pequena história: “Era uma vez um coelhinho que gostava muito de passear no campo, saltou saltou saltou por cima de umas pedras para passar um rio (saltaram em vários arcos), depois passou por um túnel. Estava tão cansado que rebolou pelo chão (no colchão), depois saltou por cima de um tronco e no fim sentou-se a descansar”.

A história foi uma forma lúdica e criativa de dar sentido ao circuito, para não ser somente fazer por fazer. Ao contar a história à criança, houve também o jogo simbólico em que os meninos imaginaram que eram coelhos a passear no campo, dando-lhes mais prazer em realizar aquele circuito. No decorrer deste ocorreu um momento que me chamou mais a atenção, que foi a parte inicial, com os saltos de arco em arco.



Fig.2 – Esta foto é bastante interessante uma vez que captei os três estádios de movimento de saltar na vertical.

As duas primeiras meninas a contar da direita, na fig.2, da minha observação estão no estágio elementar, onde ambas utilizam ainda pouco os braços para manter o equilíbrio. No entanto, ao passo que a primeira menina faz um uso exagerado na flexão dos joelhos e ancas na recepção, na segunda há praticamente uma inibição desta. Já a terceira menina, encontra-se no estágio de amadurecimento, em que faz o arranque com os dois pés e utiliza os dois braços eficazmente para controlar o equilíbrio para além de já ter um controlo de voo. A flexão dos joelhos e ancas já são congruentes com a altura do salto que vai dar.



Fig.3 - Foto com menina no estágio inicial.

Relativamente a esta menina da fig.3, o seu salto ainda está num estágio inicial, no seu arranque coloca um pé à frente do outro e não existe praticamente voo. No entanto, por essa razão, é de todo fundamental as aulas de expressão motora, para que haja a possibilidade de todos os meninos desenvolverem a sua parte motora de uma forma lúdica, porque nem todas as crianças têm as mesmas experiências de vida.

Em seguida passaram o túnel, onde todos os meninos fizeram-no de gatas, rebolaram no colchão (já têm uma perceção espacial desenvolvida pois as crianças já conseguem ir de uma ponta à outra do colchão sem saírem fora deste) e por fim saltaram por cima do semicírculo.

Na última parte da aula, antes dos alongamentos, fizeram o jogo dos coelhos e do lobo. No jogo as crianças eram os coelhos e a educadora o lobo, que andava pela floresta e assim que ouvissem a pandeireta tinham de ir para as suas tocas (arcos). Não existiam arcos para todos e como consistia num jogo de eliminação, para que as crianças que saíssem não ficassem tanto tempo à espera, o número de arcos retirados eram bastantes de cada vez.

Dos meninos que foram eliminados, houve apenas dois que não aceitaram bem o facto de terem sido eliminados, acabando por chorar. Tentei explicar-lhes que não fazia mal nenhum perder e que para a próxima iriam conseguir fazer melhor ou ser o lobo, ficando mais consolados e a observar os meninos que ainda estavam a jogar. Na parte final, quando só faltava um arco, os três meninos que faltavam tiveram uma reação muito engraçada pois enquanto aguardavam pelo som da pandeireta, corriam à volta do arco que sobrava e por isso, a educadora agarrou-o e só o largou no momento em que tocou o instrumento musical.

Na minha opinião, concordo que por vezes se façam jogos de eliminação, desde que não sejam muito prolongados, porque mesmo que a criança perca e fique triste, com o tempo vai-se apercebendo que numas atividades consegue fazer melhor e noutras pior. É através dos jogos que as crianças fazem aprendizagens e que vão desenvolvendo as suas capacidades, não só a nível motor, social, entre outros.

No final da aula, fizeram dois grupos para irem à casa-de-banho lavar as mãos e depois foram para a cantina almoçar.

*Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico - convertido pelo Lince.*